

MIA

AS MULHERES QUE AMAMOS

© 2021 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
MIA – AS MULHERES QUE AMAMOS

Publicado nos EUA e na UE
Primeira impressão 2020 (prova de autor)
Reimpressão 2026
Referência Interna SP2021.01 | 30.08.2020 | 14:53
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



À Mulher, medida secreta de tudo o que amamos.

Prólogo

Somos todos os livros que lemos, todas as mulheres que amamos e todas as viagens que fazemos.

É uma frase simples, talvez demasiado simples para aquilo que tenta conter. Mas há frases que não precisam de aparato. Ficam ali, direitas, como uma porta entreaberta. Basta empurrá-las e aparecem as bibliotecas, os aeroportos, os quartos de hotel, as estações de comboio, as mesas de café, as casas onde fomos felizes sem sabermos ainda que aquele momento haveria de sobreviver a muitos outros.

Escrever um livro é, em parte, aceitar que a memória não é um arquivo, mas sim uma forma de nos proteger do que aconteceu. Não porque invente necessariamente os factos, mas porque escolhe a luz com que os mostra. Há acontecimentos que foram breves e ficam enormes. Há anos inteiros que se comprimem numa página. Há uma mulher sentada de joelhos na cama, vestida com um *robe* de seda de inspiração chinesa, atravessada por um raio de sol e, de repente, essa imagem vale mais do que uma década de explicações.

Este livro nasce dessa convicção, a de que os livros que lemos nos ensinaram a desejar melhor, a perder melhor, a viajar melhor; a de que as mulheres que amámos nos deram vocabulário para partes de nós que desconhecíamos; a de que as viagens não foram apenas deslocações no mapa, mas mudanças na nossa temperatura interior. Às vezes viaja-se para Paris e volta-se com uma mulher. Às vezes vai-se ao Mónaco e regressa-se com a noção exacta da distância entre sexo e amor. Às vezes desce-se o Douro num calor impossível e percebe-se que a felicidade também pode ser uma tábua de queijos, vinho branco, o som do rio Douro ao fundo, uma estação de comboios no Pinhão com azulejos, uma ponte de ferro e o silêncio certo ao lado da pessoa certa.

Este não será um livro sobre todas as mulheres da minha vida. Isso seria impossível e, sobretudo, injusto. Há mulheres que pertencem à fundação de uma vida e não ao seu ornamento. A minha mãe. A minha irmã. A minha sobrinha, que chegou depois, como chegam certas formas de futuro. Há também as pessoas que amo hoje e as que amei no passado, cada uma com a sua temperatura, a sua ferida, a sua graça e a sua importância.

E há, naturalmente, uma mulher que atravessou muitos anos da minha vida, a minha ex-mulher. Por ela tenho carinho, consideração e uma

gratidão que não cabe num parágrafo, numa página, nem mesmo num capítulo. Merecerá um livro próprio, talvez o mais completo, talvez o mais difícil. Porque foram muitos anos, porque foi sempre muito bom, porque houve ali uma generosidade que me obriga a escrever com cuidado. Talvez nesse livro eu tenha de admitir, sem grande heroísmo da minha parte, que ela me deu mais do que eu lhe dei a ela e que muita vida me chegou pelas mãos dela. Será um livro de dívida, no melhor sentido da palavra; não a dívida que se paga, mas a dívida que se honra.

Este, porém, começa por outra mulher. Não por ser a mais importante. Não por ser a menos importante. Não por obedecer a uma hierarquia aplicada ao amor, como se o coração fosse uma folha de Excel com fórmulas mal feitas e gráficos coloridos. Começo por ela porque este livro pede leveza, velocidade, perfume e viagem. Porque com ela houve uma espécie de alegria rara, adulta, luminosa e perigosa na medida certa. Porque a sua presença parecia trazer consigo três cidades e nenhum pedido de desculpa.

Ela era (é) muçulmana, argelina, nascida na Argélia, mas desde sempre europeia no modo de se mover pelo mundo. Dividia (e divide) a vida entre Paris, Mônaco e a Tunísia, como quem não divide coisa nenhuma; apenas muda de varanda, de céu e de mar. Tinha essa qualidade difícil de explicar e quase impossível de imitar; pertencia aos lugares sem parecer presa a nenhum deles.

Era (é) uma mulher de uma elegância simples e discreta, o que é muito mais raro do que a elegância da ostentação. Tinha um bronzeado incrível, uma pele que parecia guardar sol, pernas tonificadas, olhos castanhos amendoados e um cabelo dourado, castanho-escuro, lindíssimo, que enquadrava o rosto com uma beleza natural e exótica. Não precisava de se anunciar. Entrava e a sala reorganizava-se discretamente.

Havia nela uma *sprezzatura* verdadeira, uma firmeza elegante e sem esforço. Uma maneira de estar que não pedia autorização e, por isso mesmo, raramente precisava de a recusar. Podia ser doce sem ser frágil, sensual sem ser evidente e distante sem ser fria. Essas mulheres existem poucas vezes; quando existem, deixam na memória um traço que não desaparece, apenas muda de nitidez.

Talvez este livro seja isso, uma tentativa de devolver nitidez a certas imagens. O café em Paris. A exposição de arte. A casa em Saint-Tropez. O apartamento no Mônaco. As viagens repentinas para Itália, para o sul de França e para Portugal. As noites em que o luxo não era o dinheiro, mas a disponibilidade. Eu ligava e dizia: Vou uns dias a Itália. Estás disponível? E ela estava. Ou parecia estar. Ou queria estar. Às vezes isso basta para acender uma vida inteira por algumas horas.

Não escrevo para corrigir o passado. Isso seria inútil e, francamente, um pouco patético. Escrevo para o compreender melhor. Para perceber como certas mulheres se tornam países, como certas viagens se tornam capítulos e como certos livros nos ensinam a reconhecer uma cena no exacto momento em que ela está a acontecer.

Este é, portanto, o primeiro livro de uma série íntima. Um livro sobre uma mulher, sim, mas também sobre o homem que eu era quando a encontrei, sobre o homem que julguei ser enquanto a amava e sobre o homem que ficou depois. Porque nenhuma mulher que amamos verdadeiramente fica apenas nela própria. Passa a viver também na forma como olhamos uma cidade, escolhemos um vinho, entramos num quarto, fechamos uma porta, ou partimos de manhã cedo antes que a vida peça explicações.

Comecemos então por Paris.

1

A mulher que já estava sentada

Paris — Café de Flore, Saint-Germain-des-Prés.

Ela já estava sentada na esplanada do Café de Flore quando o empregado pousou o meu café na mesa dela.

— Esse deve ser dele — disse, sem olhar para mim.

Apontou para a chávena com o queixo.

O empregado corrigiu o erro com a velocidade seca de quem já tinha atravessado demasiadas vezes aquele intervalo ridículo entre duas mesas. As cadeiras de verga quase se tocavam. O meu joelho, se eu não tivesse cuidado, podia pedir desculpa ao dela antes de mim. No Boulevard Saint-Germain passava um autocarro com publicidade a uma exposição de Matisse. Um casal americano fotografava a própria tarte de limão. Dois homens de fato escuro fingiam falar de negócios e ouviam uma rapariga inglesa a discutir a conta. Os parisienses faziam o número mais difícil: fingiam não reparar em ninguém.

Ela tinha um livro aberto, mas não lia. Ou lia com aquela indisciplina de quem não precisa de seguir linhas ou páginas para perceber a história. Óculos de sol sobre a mesa, telemóvel virado para baixo e uma pequena mala castanha encostada à cadeira. Vestia uma camisa branca, simples, com as mangas dobradas e uma saia escura. O cabelo castanho-escuro estava preso de uma maneira que parecia provisória e não caía. Tinha um bronzeado leve, pouco parisiense naquela tarde.

— Sartre, Beauvoir, Camus, Baldwin, Picasso — disse ela, lendo uma frase do menu ou talvez repetindo uma irritação antiga. E agora Kit Carter, claro.

Respondi antes de ter tempo de escolher o silêncio.

— Kit Carter só entrou no Flore depois de nascer num guia mal impresso.

Ela virou-se devagar. Não sorriu logo. Primeiro olhou para mim como quem confirma se valia a pena gastar a resposta.

— Estavas a ouvir.

— A mesa não ajuda à privacidade.

Aí sorriu. Pouco. O empregado percebeu que, por enquanto, as duas mesas continuavam separadas apenas por convenção. Ela fechou o livro com um dedo a marcar a página.

— Talvez eu tenha dito Kay Boyle.

— Disseste Kit Carter.

— Então o guia era mesmo mau.

— Ou tu estavas a provocar alguém.

— Estava a passar o tempo.

A minha chávena chegou finalmente à minha mesa. Mexi o café sem açúcar, mais por ocupação das mãos do que por gosto. Ela reparou.

— Português?

— Assim tão evidente?

— Mexeste o café antes de o beber. Um italiano teria protestado com a chávena. Um francês teria protestado com o empregado. Tu pediste desculpa à colher.

— Isso é antropologia de esplanada.

— É o que há.

Falava um francês perfeito, mas havia outro som por baixo. Não era sotaque. Era uma dobra. Quando pediu mais água ao empregado, fê-lo sem esforço. Quando o telemóvel vibrou, olhou para o ecrã, recusou a chamada e voltou a pousá-lo no mesmo sítio. A chamada repetiu-se. Ela carregou num botão, virou o aparelho para baixo e continuou comigo.

— E tu? — perguntei.

— Eu o quê?

— De onde és, para poderes gozar com italianos, franceses e portugueses na mesma frase?

— Nasci na Argélia.

Não acrescentou Paris, família, trabalho, dinheiro, hotéis, casas. Disse apenas a origem. Mais tarde eu saberia algumas coisas e continuaria a saber pouco. Naquele momento, não insisti.

— Então Camus é terreno perigoso.

— Só quando é citado por preguiça.

— E isso acontece muito por aqui.

— A toda a hora.

Ela encostou-se na cadeira. A camisa abriu ligeiramente no pescoço, sem intenção. Tinha um colar discreto, meio escondido. Vi-o. Vi também a pele cuidada, o pulso fino e a maneira como segurava o copo. Teria sido ridículo fingir o contrário.

— Lês Camus? — perguntou.

— Li.

— Gostaste?

— Sim. Depois desgostei de algumas pessoas que gostavam dele em voz alta.

Desta vez riu-se. Um riso curto, mas aberto.

— Isso é justo.

— É um pouco covarde.

— Também pode ser justo.

Ela levantou a mão para chamar o empregado. Não ergueu a voz. Não estalou os dedos. Ele veio logo. Ela pediu um *café crème* e perguntou se a mesa junto ao vidro estaria livre mais tarde. O empregado respondeu que talvez, dependia. Ela disse um nome. O talvez desapareceu.

— Estás à espera de alguém? — perguntou-me.

— De um amigo. O Pedro Rocha. Deve estar perdido a dez minutos daqui há meia hora.

— Isso é defeito português?

— Não. O Pedro é pontual quando ninguém combinou nada.

Ela pegou no livro. A capa estava gasta. Reconheci Apollinaire, *Alcools*, numa edição de bolso francesa, dessas que parecem ter passado por várias malas e poucos cuidados.

— Apollinaire é mais útil ao bairro morto do que ao bairro vivo — disse eu.

Ela olhou para o livro e depois para o toldo vermelho do Flore. Do outro lado, mais abaixo, o *Les Deux Magots* recebia a sua quota de fotografias. A igreja de Saint-Germain-des-Prés ficava ali perto. Uma *scooter* subiu meio passeio, quase tocou numa cadeira, e ninguém se levantou. O empregado insultou o condutor em francês.

— Este bairro é indecente — disse ela.

— Por causa dos preços?

— Também. Mas estava a pensar nos escritores. Vendem mortos a pessoas que não os leram.

— Os mortos são fáceis de vender. Não corrigem as anedotas.

— E tu leste-os?

— Alguns. Menos do que devia. Mais do que parecia prudente.

Ela inclinou a cabeça. Os olhos eram castanhos, atentos sem se tornarem duros. Olhou uma vez para a saída da esplanada, como quem confirma que podia ir-se embora sem pedir licença.

— Sartre e Beauvoir, sim — disse ela. O Flore, o *Deux Magots*, as mesas, a encenação. Camus passa por aqui sempre que alguém precisa de dar peso a um café. Breton, Aragon, Éluard, Apollinaire, cada um com a sua esquina verdadeira ou inventada. O Hemingway entra quando querem

vender uma garrafa. Baldwin, pelo menos, ainda estraga o conforto a quem o lê.

— Picasso?

— Picasso entra em qualquer sala onde alguém precise de provar que esteve perto do século XX.

— És sempre assim tão paciente com a cultura?

— Quando estou sozinha, sim.

— Pareces sozinha.

Ela não respondeu logo. Bebeu água. A unha do indicador tocou duas vezes no copo. Não pareceu nervosa. Pareceu a escolher se me dava uma resposta simples.

— Estou sozinha neste momento.

— É uma boa correcção.

— E tu? Estás sozinho?

— Um bocado das duas coisas.

— Resposta de homem casado.

A frase podia ter sido uma provocação barata. Não foi. Disse-a com curiosidade, talvez com experiência. Eu podia ter mentido por vaidade, ou feito uma pequena comédia de disponibilidade absoluta. Não fiz. Creio que não estou a forçar a recordação.

— Divorciado — disse. Com uma história comprida atrás. Tratada com mais respeito do que competência, provavelmente.

Ela aceitou. Não perguntou por filhos, advogados ou rancores. Limitou-se a tocar no livro fechado.

— E continuas a ler?

— Continuo.

— Para quê?

— Para não ficar reduzido às minhas próprias frases.

O *café crème* dela chegou. O empregado pousou a chávena no bordo da mesa, perto de mim, e ela puxou-a para si sem olhar para ele. O movimento aproximou-lhe a cadeira da minha. Fiquei com o cheiro dela por um instante, um perfume limpo, quente e com uma nota de chá ou de flor seca que não consegui nomear. A minha vontade foi nomeá-lo. A minha sorte foi não o fazer.

— Escreves? — perguntou.

— Às vezes.

— Isso quer dizer sim.

— Quer dizer que tenho vergonha de responder sim.

— Escreves sobre quê?

— Livros. Viagens quando correm mal. Pessoas, quando correm pior.

Ela ficou séria durante meio segundo.

— As pessoas costumam reconhecer-se?

— As que não deviam.

— E isso não te incomoda?

— Incomoda. Não o suficiente para me tornar virtuoso.

A resposta ficou ali. Um táxi parou junto ao passeio. Uma senhora com sacos de compras tentou passar entre as mesas e bateu com um deles nas costas da minha cadeira. Pedi desculpa, embora a culpa fosse dela. A mulher da mesa ao lado sorriu para dentro do copo.

— Pedes sempre desculpa? — perguntou ela.

— Só quando tenho razão.

— Cansa?

— Menos do que discutir.

Ela tirou os óculos de sol da mesa e pô-los, não para se proteger do sol, que já batia de lado e fraco, mas para mudar a distância. Ficavam-lhe bem. Nela, as coisas pareciam escolhidas por utilidade antes de serem bonitas. Mais tarde, noutras cidades, eu perceberia que aquela impressão era só parcialmente verdadeira.

— Chamaste impostura cultural ao Flore — disse eu, embora ela não tivesse usado essas palavras.

— Chamei.

— E continuas aqui.

— Gosto do café. Não sou obrigada a gostar do mito.

— A chávena não tem culpa.

— Não. Mas cobra como se tivesse.

Ela tirou os óculos outra vez. Os turistas ao lado pediram dois *croque-monsieur* e pronunciaram *monsieur* como se estivessem a pedir perdão a uma monarquia antiga. Um rapaz francês, bonito e consciente disso, passou pela esplanada com um maço de cigarros na mão. Olhou para ela. Ela viu-o ver, mas não lhe deu a cortesia de uma reacção.

— O Flore e o Deux Magots servem para isto — disse ela.

— Para quê?

— Ver quem chega e olha primeiro para quem já está a olhar.

— E tu precisavas disso?

— Hoje precisava de um café e de dez minutos sem números.

Pousou a chávena no pires com cuidado.

O telemóvel vibrou outra vez. Desta vez atendeu. Falou primeiro em francês, com frases curtas, e depois mudou para árabe durante uns segundos. Não entendi quase nada, apenas um nome feminino, Moni ou Mona,

e a palavra *demain*. A voz dela não subiu. Também não adoçou. Quando desligou, fez um gesto breve com a mão.

— Números? — perguntei.

— Trabalho.

— Que trabalho?

— O suficiente para me telefonarem quando estou sentada.

— Quer dizer que não queres explicar.

— Agora não me apetece.

Precisa. Gostei da palavra nela. Dita por outra pessoa podia parecer arrogante. Nela fechou o assunto.

— Tens nome? — perguntei.

— Tenho.

— Posso saber um?

— Mia.

— Só Mia?

— Por agora chega.

— Eu sou...

— Sei que és português.

— Isso não é nome.

— Ainda bem.

Disse-lhe o meu nome. Ela repetiu-o uma vez, com algumas letras mais suaves do que em português e deixou-o ficar. Tentei não mostrar que tinha gostado de o ouvir na boca dela.

O Pedro Rocha apareceu quando a conversa já não precisava dele. Vinha com o casaco aberto, a barba por fazer de quem chama estilo ao atraso e um ar satisfeito de homem que encontra sempre maneira de ser perdoado. Trazia debaixo do braço um jornal dobrado e no rosto a expressão de quem acabara de ganhar uma discussão com um taxista que não sabia que estava a discutir.

— Estou atrasado — disse ele, inclinando-se para me cumprimentar.

— Já passaste a categoria profissional.

O Pedro olhou para a Mia, para mim, para as chávenas e para a distância entre as cadeiras. Tinha esse talento desagradável dos amigos que nos conhecem bem: percebia depressa e comentava quando lhe convinha.

— Interrompo?

— Sim — disse a Mia.

O Pedro ficou encantado.

— Excelente. Então sento-me.

Pedi um café e uma água com gás antes de a cadeira parar de ranger. Cumprimentou-a com educação, sem a transformar em episódio meu. A

Mia deu-lhe o nome. Ele deu-lhe o dele. Durante alguns minutos, a conversa voltou ao bairro, aos cafés, aos escritores mortos e aos vivos que se portavam pior. O Pedro conhecia bem aquele teatro. Tinha trabalhado entre Lisboa, Porto e Paris, em bancos, empresas grandes e almoços onde ninguém dizia exactamente o que queria.

— O Flore é menos culpado do que dizem — afirmou ele. Pelo menos serve bebidas. Há fundações culturais que nem isso.

— Trabalhas com arte? — perguntou a Mia.

— Não. Para isso era preciso talento ou coragem. Não tive excesso de nenhum.

Ela riu-se. O Pedro percebeu que podia continuar, mas teve o raro bom senso de não fazer número.

— E tu? — perguntou ele. Estás em Paris por trabalho?

A Mia olhou para a rua antes de responder.

— Vivo aqui. Mas esta noite vou a uma inauguração.

O Pedro endireitou-se.

— De arte?

— Sim.

— Tua?

— Não. De uma amiga.

— Pintura?

— Pintura e algumas peças pequenas. Ela chama-lhes objectos, quando está cansada de explicar.

— Francesa?

— Parisiense. Esteve anos em Nova Iorque e voltou agora.

— Isso costuma dar mau feitio ou bons contactos.

— No caso dela, os dois.

— Onde é?

— Numa sociedade de advogados, perto de Iéna. Avenue Kléber.

O Pedro olhou para mim, desconfiado.

— Arte numa sociedade de advogados — disse ele. Paris ainda consegue surpreender-me pela falta de vergonha.

— Não é falta de vergonha — disse a Mia. É arrendamento bem pago.

— Vais agora?

Ela bebeu um pouco de café. Depois olhou para mim.

— Sim. Podem vir comigo, se quiserem.

— Estás a convidar-nos?

— Estou. É pequeno. Advogados, clientes, alguns coleccionadores, duas ou três pessoas que compram antes de perceberem se gostam. A minha amiga precisa de sala cheia.

- E nós servimos para quê?
— Para não serem só pessoas de escritório.
— Isso é uma função digna — disse o Pedro.
Voltou-se para mim.
— Queres ir?
— Ia beber com o Pedro e ouvir as desculpas dele.
— Isso fazes no Uber.
— Então quero.
— Gostas de arte?
— Gosto de algumas obras.
— A Camille agradece.
— Camille?
— A artista.
— Bonito nome — disse o Pedro.
— Ela também acha. Por isso assina só C. Morel.
O Pedro levantou a mão para chamar o empregado.
— A que horas?
— Às oito.
— Devemos chegar depois, para parecer que temos vida?
— Vamos agora.
O Pedro aceitou com a cabeça.
— Vamos lá então — disse eu.

A Mia pegou no telemóvel, escreveu uma mensagem curta e esperou. O trânsito no boulevard engrossou. Um camião de entregas parou em segunda fila. O empregado atravessou a confusão com uma bandeja cheia e não perdeu uma gota.

O telefone dela acendeu. Leu a resposta, escreveu mais duas palavras e guardou-o na mala.

— Chamei o Uber — disse.

Levantou-se. A cadeira recuou o necessário, a mão apanhou os óculos, o livro entrou na mala sem perder a página, a camisa caiu no sítio certo. Alguns olharam. Outros fingiram que não. Eu demorei mais tempo a encontrar o meu casaco do que ela a sair de uma conversa que tinha acabado de começar.

Sáimos da esplanada para o passeio estreito. O Flore ficou atrás de nós com as chávenas, as mesas encostadas e os seus mortos rentáveis. Ao lado, um homem discutia ao telefone junto ao toldo. Uma rapariga prendia o cabelo enquanto caminhava. O Les Deux Magots, do outro lado, tinha fila. A igreja ficava mais adiante, entre uma carrinha parada e um grupo de telemóveis levantados.

O Pedro ia à frente. Falava em francês e português na mesma frase, uma capacidade que nele parecia menos cosmopolitismo do que desarrumação útil. A Mia caminhou ao meu lado. Não demasiado perto. Perto o suficiente para eu reparar que o passo dela não se ajustava ao meu; obrigava o meu a escolher.

Parei junto a uma passadeira. Ela continuou um passo e esperou. O Uber que ela tinha pedido aproximava-se devagar, preso entre uma mota e uma carrinha branca.

— Costumas convidar desconhecidos para inaugurações de amigas? — perguntei.

— Não.

— Porquê hoje?

— A Camille voltou de Nova Iorque com demasiada gente à volta e pouca gente perto.

— E nós somos gente perto?

— Não. São desconhecidos. Às vezes é mais repousante.

— Isso é confiança?

— É uma aposta pequena.

O Uber parou. O Pedro abriu a porta da frente e entrou. A Mia ficou comigo junto à porta de trás. O vidro devolveu-nos por um instante: eu com o casaco na mão, ela com os óculos postos outra vez, a mala pequena, o livro lá dentro, a noite ainda sem forma.

Ela entrou primeiro. O Pedro continuava à frente, a explicar ao motorista que não, não era para a Torre Eiffel, era para perto, e que sim, havia uma diferença. Sentei-me ao lado dela. A porta fechou-se com um som banal. Pela janela, a mesa onde a tinha visto pela primeira vez já estava ocupada por duas pessoas que olhavam para os menus.

O carro arrancou pelo Boulevard Saint-Germain. O Pedro falava para a frente. A Mia olhava pela janela. Eu ia sentado ao lado dela, com o casaco no colo, a ouvir a morada que ela confirmou ao motorista do Uber, depois de o Pedro ter confundido o homem e ter tentado mudar a rota traçada pela aplicação.

2

A arte dentro da lei

Paris — sociedade de advogados perto de Iéna.

A pasta preta apareceu quase no fim.

A Camille trouxe-a debaixo do braço quando eu já tinha reduzido a noite a uma sequência administrável: a chegada, as obras, a Mia a mandar corrigir provas de cor, o beijo na antecâmara, a minha camisa mal posta e o Pedro a fingir que nada via. Ainda faltava o desenho.

Horas antes, o Uber deixou-nos entre a Avenue Kléber e a Place d'Iéna, atrás de uma carrinha branca parada em segunda fila. Saimos e ficamos uns segundos na rua.

O prédio era claro, alto e limpo. Não havia movimento à entrada. Só uma placa ao lado da porta.

Nomes franceses. Dois apelidos com hífen. Uma sigla inglesa. Direito comercial, arbitragem e fisco internacional.

Li tudo até ao fim e o Pedro também.

Nenhuma palavra sobre pintura.

— É aqui? — perguntou ele.

A Mia já estava no passeio, com o telemóvel na mão. Não olhou para a placa.

— É.

— Não parece uma galeria.

— Não é.

Não tocou ao intercomunicador. Escreveu duas palavras. A porta abriu-se com um clique.

O Pedro olhou para a placa.

— Isto abriu sozinho?

— Não — disse ela. — Alguém abriu.

Entrámos.

O átrio cheirava a flores sem perfume. Uma rececionista levantou-se atrás de uma secretária baixa. Olhou primeiro para a Mia, depois para nós, e nessa ordem ficou estabelecido quase tudo.

— *Bonsoir, Madame. Camille vous attend.*

A Mia respondeu-lhe pelo nome, apontou para nós com uma inclinação mínima da mão.

— *Ils sont avec moi.*

A recepcionista escreveu num *tablet*. Não pediu convites, documentos ou explicações. Ao fundo, uma porta de vidro deixava ver um corredor com placas pequenas: sócios, salas de reunião, nomes com iniciais e títulos em inglês onde o francês já não chegava.

O elevador chegou com um pi. Paredes de madeira, espelho estreito e luz branca por cima. O Pedro passou a mão pelo cabelo. Eu reparei no *blazer* e na ponta da camisa fora das calças. A Mia ficou entre nós, a olhar para os números por cima da porta.

— Tens a certeza de que isto é uma exposição? — perguntei.

— A Camille chama-lhe *vernissage*.

— E tu?

— Uma sala cheia.

— De advogados?

— Alguns.

O Pedro riu-se.

— Trabalhas com arte?

— Às vezes.

— Às vezes é uma profissão muito grande.

— Só para quem precisa de explicar.

As portas abriram.

No oitavo andar, outra recepção, mais pequena. Uma rapariga entregou-nos cartões brancos e sem logótipo. A Mia passou o polegar pelo bordo da cartolina, levantou-a contra a luz e guardou-a na mala. Eu fiquei com o meu na mão, à espera de perceber se era um convite ou um recibo.

As salas de reunião tinham as portas abertas e continuavam salas de reunião: mesas ovais, cadeiras de couro, garrafas de água alinhadas, blocos em pilhas e ecrãs desligados. Nas paredes, entre fotografias de sócios e diplomas, pendiam obras recentes. Algumas pareciam provisórias ali; outras pareciam saber exactamente onde tinham entrado.

A primeira tela ocupava a cabeceira de uma sala grande. Vermelho escuro, linhas brancas e uma legenda discreta: *C. Morel, Étude pour une ville fermée*. Um advogado de barba curta explicava a duas mulheres que a artista trabalhava o regresso. Dizia regresso com as mãos nos bolsos.

A Mia aproximou-se. Não olhou muito tempo para a tela. Pegou no catálogo pousado sobre a mesa.

— Quem aprovou isto?

O advogado interrompeu-se.

— Desculpe?

Ela rodou o catálogo na direcção dele.

— A prova. O vermelho está morto.

Ele olhou para a página, depois para a tela.

— A impressão muda sempre um pouco.

— Não foi isso que perguntei.

O Antoine apareceu atrás de nós antes de alguém o chamar em voz alta. Cabelo grisalho cedo demais, fato azul sem vinco e cara de homem habituado a resolver problemas antes de ficarem visíveis. Cumprimentou a Mia com cuidado.

— Já começaste?

— Quem aprovou?

O Antoine pegou no catálogo. A rapariga da recepção aproximou-se dois passos.

— A gráfica entregou hoje de manhã — disse ele.

— A gráfica imprime. Alguém aprova.

Ele aceitou a frase sem defender território.

— Chama o Étienne.

A rapariga saiu.

O Pedro encostou-se a mim.

— Afinal, ela é quem?

— Não sei.

— Mau sinal.

A Mia fechou o catálogo e alinhou-o com a borda da mesa.

— A Camille viu?

— Ainda não — disse o Antoine.

— Então mostra-lhe antes que veja por ela, sem ninguém a avisar.

O Antoine sorriu, mas não com alegria.

— Mia, isto é uma inauguração.

— A obra também sabe disso.

O advogado de barba curta deixou de explicar o regresso. Uma das mulheres afastou-se da tela e começou a olhar para a Mia com mais interesse do que para a pintura.

O Pedro apareceu com três copos. Entregou um à Mia, outro a mim e ficou com o terceiro.

— Às gráficas que ainda dão trabalho a toda a gente.

— Não bebas demasiado cedo — disse a Mia.

— Comecei mal?

— Não. Mas guarda-te para depois.

Ela bebeu pouco. Eu imitei-a mal.

A Camille Morel entrou na sala com uma pasta fina debaixo do braço. Cabelo curto, vestido preto e sapatos baixos. Não tinha ar de artista numa

noite de festa. Tinha ar de mulher que resolvia três problemas com uma palavra.

A Mia virou-se para ela.

A Camille beijou-a nas duas faces e afastou-se logo para a ver melhor.

— Tu vieste.

— Disse-te que vinha.

— Dizes muitas coisas quando queres que eu pare de telefonar.

— E resultou?

A Camille olhou para o catálogo na mão do Antoine.

— Já a puseste a trabalhar?

— Ela começou sozinha — disse ele.

— Naturalmente.

A Mia apresentou-nos. O Pedro, “um amigo português”. Eu, pelo nome. A Camille apertou-nos a mão com firmeza e não procurou agradecer.

— Trouxeste homens — disse ela.

— Dois.

— Vieram comprar?

— Um deles veio beber.

O Pedro levantou o copo.

— Não excluo a outra hipótese.

— Boa resposta — respondeu a Camille.

Havia entre ela e a Mia uma intimidade sem delicadeza ornamental. Pequenas agressões permitidas, cobranças antigas e uma confiança que não precisava de explicação. Eu tinha acabado de chegar e já havia corredores fechados atrás de mim.

O Antoine conduziu-nos pela recepção transformada em galeria. Falava de montagem, seguro, transporte, da dificuldade de pendurar certas peças num lugar onde, durante o dia, se discutiam contratos e ações legais. Uma instalação de vidro e cobre dividia o corredor junto aos gabinetes. Dentro de um deles, vi uma secretária limpa, uma gravata deixada numa cadeira e quatro dossiers com lombadas vermelhas.

— Esta veio de Bruxelas — disse o Antoine. — Arquivos judiciais destruídos legalmente.

— Destruídos legalmente? — perguntou a Mia.

— Claro.

— Pena.

A Camille riu-se.

— Finalmente alguém diz.

O Antoine chamou um assistente com um gesto curto. Não parecia mandar. Parecia evitar que lhe metessem os dedos na parte mole.

Fomos empurrados para a biblioteca. Duas paredes de livros de direito subiam até uma escada presa a uma calha. *Code civil, code de commerce* e um *code monétaire et financier* cheio de separadores amarelos. Arbitragem e jurisprudência em volumes pesados. Entre as lombadas, desenhos pequenos a carvão. Um empregado passava com copos. Outro recolhia guardanapos abandonados com uma pinça.

A Mia tirou um volume da estante. Abriu-o ao meio, leu uma linha, fechou-o e repôs o livro. Antes de afastar a mão, endireitou uma etiqueta torta no volume ao lado.

— Fazes isso em todas as casas? — perguntei.

— O quê?

— Corrigir.

— Só quando está mal.

Não havia piada suficiente para eu me proteger.

Um homem mais velho aproximou-se do Antoine. Cabelo branco, gravata escura e uma mão pousada atrás das costas. Não abriu caminho. As pessoas desviaram-se antes. Quando viu a Mia, irrompeu a frase.

— Mia.

— Henri.

Apertaram as mãos.

— Ainda estás zangada connosco?

— Corrigiram?

O Henri sorriu.

— Estamos a tratar disso.

— Então não corrigiram.

Ele aceitou. Não a tratava como convidada difícil. Tratava-a como alguém cujo incómodo tinha fundamento.

— É amigo da Mia? — perguntou-me.

A pergunta pareceu banal. A resposta não tinha chão.

— Conhecemo-nos hoje.

O Henri olhou para ela. Ela não ajudou.

— Então chegou numa noite movimentada.

— Ainda agora começou — disse a Mia.

O Henri virou-se para um desenho a carvão.

— A Camille guardou-te o pequeno.

A Mia não mexeu a cara.

— Qual pequeno?

— Ela dirá.

Ele afastou-se com o Antoine.

Fiquei diante de um desenho: uma casa vista de cima, sem telhado, quartos vazios e portas abertas para corredores que não podiam existir. Uma cadeira afastada da mesa. Uma cama feita por três linhas. Uma mala junto a uma porta sem saída.

— Gostas? — perguntou a Mia.

— Sim.

— Porquê?

— Porque não pede nada.

Ela olhou para mim. A resposta não a satisfiz, mas também não a deixou fora.

A Camille apareceu com dois copos de água. Entregou um à Mia.

— Estás a falar mal de mim?

— Ainda não.

— Então estás tímida.

A Mia apontou para a parede.

— A etiqueta do terceiro desenho está errada.

A Camille fechou os olhos.

— Não me digas.

— Nabeul.

O assistente chegou com um *tablet*. Aproximou-se já derrotado.

— Foi transcrito do ficheiro antigo.

— Está mal escrito — disse a Mia.

A Camille arrancou a etiqueta da parede com calma.

— Faz outra.

— Agora?

— Agora.

O Antoine disse que havia cartões em branco na recepção. O assistente saiu. A pequena palavra arrancada da parede deixou um rectângulo mais claro.

— Nabeul — disse eu, baixo.

A Mia ouviu.

— Conheces?

— A cidade da etiqueta? Sim. Na Tunísia.

Não disse mais. A Camille também não. A etiqueta ficou na mão dela, dobrada ao meio.

Foi nessa altura que o Laurent apareceu.

Tinha o bronzeado de quem nunca explica o calendário, cabelo grisalho penteado para trás e copo na mão. Cumprimentou a Mia com dois beijos leves, correctos demais para serem íntimos e íntimos demais para me deixarem intacto.

— Não sabia que estavas em Paris.

— Vivo praticamente em Paris, Laurent.

— Raramente te vejo.

— Assim ainda vivo cá.

Ele riu-se. Depois apresentou-se a mim.

— Laurent Vasseur.

Apertei-lhe a mão. A Mia disse apenas o meu primeiro nome.

— O Laurent compra artistas cedo — disse ela. — Às vezes antes de eles saberem o que querem.

— E a Mia corrige antes de comprar, antes de vender e antes de deixar respirar.

— Só quando está mal.

— Então ainda tens vida longa.

Falaram de uma prova azul, de uma colagem e de uma exposição em Marselha. Não falaram do que eu queria que falassem. Falavam de coisas vistas antes de mim.

O Laurent olhou para a etiqueta arrancada.

— Ainda foges quando se fala de Nabeul?

A Mia pousou o copo.

— Não. Hoje não.

— Milagre.

— Deve ser isso.

Ele levantou a mão, aceitando o desprezo da resposta.

Ao despedir-se, tocou-lhe no antebraço. Um gesto breve, social e treinado. Ela não se afastou. Eu fiquei a olhar para o ponto exacto onde a mão dele tinha estado.

— Não faças essa cara — disse ela.

— Que cara?

— A tentar perceber.

A frase irritou-me porque apanhou-me.

— É normal.

— Tem calma. Vais perceber a dinâmica das coisas com facilidade.

Pousou o meu copo ao lado do dela.

— Vem.

Atravessámos uma sala onde duas mulheres discutiam a altura de uma fotografia. A Mia passou sem parar.

— Dois centímetros acima — disse.

Uma delas olhou para a parede. A discussão acabou.

Entrámos num gabinete de canto. A parede exterior era quase toda vidro. Lá fora, por cima dos telhados e das árvores escuras, a Torre Eiffel

aparecia cortada pelo caixilho. Dentro, um advogado falava de aquisição junto a uma escultura em resina, sem olhar para ela.

A Mia ficou junto à janela. O vidro devolvia a camisa branca, a saia escura e o rosto de perfil. Eu parei atrás dela.

— Queres perguntar-me quem sou — disse.

— Quero.

— Não perguntes aqui.

— Porquê?

— Porque vais gostar demais de uma resposta incompleta.

Ela baixou os olhos para a minha boca. Depois voltou a olhar para o vidro.

Aproximei-me.

— Não aqui.

— Eu não fiz nada.

— Ainda.

Saiu antes de eu encontrar uma resposta.

Segui-a por um corredor lateral, longe da recepção. À direita, gabinetes fechados. À esquerda, uma zona de serviço com máquina de café, chá, um frigorífico baixo e uma janela sem vista. Mais adiante, uma placa indicava *toilettes* e *salle privée*. A Mia empurrou a porta da antecâmara.

— Conheces o escritório?

— Conheço portas.

A porta fechou-se atrás de nós.

A antecâmara era pequena, madeira clara, um sofá estreito, um espelho alto e com duas portas para casas de banho individuais. Sobre a consola, toalhas dobradas e flores numa jarra baixa. A música chegava por baixo da porta. Passos no corredor, uma voz, depois nada.

A Mia ficou diante do espelho e olhou para mim pelo reflexo.

— Isto é estúpido.

— Sim.

— As coisas estúpidas muitas vezes são as mais divertidas.

Virou-se. A mão dela subiu ao meu colarinho, como se corrigisse uma coisa. Toquei-lhe no pulso. Ela não retirou a mão.

— Mia.

— Não fales muito.

Beijei-a.

O primeiro beijo veio sem qualquer travão. Dentes, respiração mal medida, a minha mão à procura de autorização e a dela a corrigir o caminho. Ela agarrou-me pela nuca. O sofá bateu-me atrás dos joelhos. Não nos sentámos. A jarra estremeceu quando o meu braço tocou na consola.

Ela recuou meio passo. Voltou. A mão entrou por baixo do meu casaco, agarrou a camisa na cintura. Toquei-lhe no cabelo e desfiz parte do que estava preso. Ela mordeu-me o lábio, pouco. O suficiente.

— Devagar — disse.

Pousei a mão na cintura dela. Ela deixou, depois prendeu-me o pulso e levou-o mais abaixo. Não houve pose. Houve instrução. A minha pressa ficou ridícula na mão dela.

Passos no corredor.

Parámos.

Uma mulher disse *demain matin*. Um homem respondeu qualquer coisa sobre uma assinatura. As vozes afastaram-se. A música voltou, abafada.

A Mia encostou a testa ao meu queixo. Respirava mal. Eu pior.

— Não me tentes perceber — disse.

— Não estou.

— Estás.

Não havia acusação suficiente para eu me defender.

Beijou-me outra vez, agora mais devagar. A mão dela subiu ao meu rosto. Por alguns segundos, a sala, os catálogos, o Laurent, o Henri e a etiqueta arrancada ficaram do outro lado da porta. O Pedro não sei onde estaria. Depois o espelho voltou a ser claro demais.

Ela afastou-se primeiro.

— Chega.

— Sim.

— Arranja-te.

Recompôs-se diante do espelho. Prendeu o cabelo, deixou uma madeixa solta, limpou o canto da boca com uma toalha húmida e passou-me outra.

— Estás marcado.

Passei a toalha pelo lábio. Havia sangue.

— Foste tu?

— Fui.

— Devo agradecer?

— Devias estar calado.

Obedeci.

Ela abriu a porta uma fresta.

— Biblioteca primeiro. Depois recepção.

— Tens isto organizado.

— Sei improvisar.

O corredor estava vazio. Na biblioteca, o assistente colava uma nova etiqueta junto ao terceiro desenho. A Camille estava de braços cruzados.

Viu-nos entrar. Olhou primeiro para a boca da Mia, depois para a minha camisa. Compreendeu.

O Pedro apareceu com um copo de *champagne* e entregou-mo sem comentário.

— Perderam-se?

— Na biblioteca — disse a Mia.

— Há corredores no direito francês que nunca mais acabam.

— Encontrámos a saída.

Ele olhou para o meu lábio durante menos de um segundo. Depois apresentou-me a uma mulher de vestido verde que falava depressa sobre residências artísticas no Mediterrâneo. Ela reconheceu a Mia de imediato.

— As páginas de Nabeul eram tuas, não eram?

A Mia ficou quieta.

— Eram da Camille.

— Pareciam tuas.

— Podiam ser, mas não eram.

A mulher riu-se. A Camille, do outro lado, não.

Dei um golo do *champagne*. O Pedro tinha acertado na minha necessidade.

O Antoine aproximou-se com o Laurent e com o assistente da galeria. Falavam da peça maior, de uma possível reserva para um cliente suíço e dos catálogos que já não podiam sair assim. A Mia perguntou quem ficava com os direitos de reprodução, quem aprovava os cortes e quem enviava as imagens corrigidas. O assistente hesitou. O Antoine respondeu por ele. O Laurent observava-a como quem já a vira fazer aquilo noutros quartos.

— E tu? — perguntou o Laurent, virando-se para mim. — Coleccionas?

— Alguma coisa.

A Mia olhou para o copo.

— Óleos? Escultura? Fotografia? — perguntou o Laurent.

— E más decisões.

O Pedro tossiu para dentro. O Laurent sorriu sem se comprometer. A Mia não me salvou. Foi o melhor que fez.

A Camille voltou com a pasta preta debaixo do braço.

A sala não se calou, mas apertou. O Antoine interrompeu uma frase sobre transporte. O Laurent desviou os olhos para a janela. O assistente fingiu procurar alguma coisa no *tablet*.

A Camille pousou a pasta sobre a mesa da biblioteca.

— Vem ver isto.

A Mia aproximou-se.

— Agora?

— Agora.

A Camille afastou dois catálogos e uma garrafa de água. Tirou um desenho pequeno, em papel grosso. Não estava emoldurado. Outra casa vista de cima, mas esta tinha uma janela clara no meio do carvão, quase escondida.

Entregou-o à Mia.

— Este não está à venda.

— Camille.

— Não discutas.

A Mia segurou o papel pelas margens. Até ali, eu tinha-a visto corrigir, cortar, entrar, sair, beijar e mandar calar. Diante daquele desenho, ficou sem função.

— É a casa de Nabeul?

A Camille abanou a cabeça.

— Não.

— Então qual é?

— Sabes bem.

A frase não foi dita alto. Mesmo assim, algumas pessoas pararam de mexer os copos. O Antoine olhou para a mesa. O Laurent ficou imóvel. O Pedro respeitou a cena, coisa rara nele.

Eu não entendi. Esse era o meu lugar naquela noite.

A Mia fechou os olhos por um instante. Quando os abriu, estavam secos. A Camille tocou-lhe no braço de uma maneira que não entendi. Naquela noite pouco entendia.

— Leva-o.

— Não.

— Levas.

— Camille.

— Para não te esqueceres. Por favor, leva.

A Mia engoliu qualquer coisa menos arrumada do que emoção.

— Obrigada.

A Camille encolheu os ombros.

— Ainda te vou pedir para corrigires o catálogo.

A Mia riu-se pouco. Colocou o desenho dentro da pasta e guardou-a debaixo do braço. Depois voltou à sala, aos copos, às perguntas técnicas e à cor das provas. Mas a mesa ficou diferente, com a garrafa de água deslocada e o retângulo vazio onde o papel tinha estado.

A recepção começou a esvaziar. Casacos saíam do bengaleiro. Conversas urgentes nasciam junto ao elevador. A rapariga da recepção mantinha o sorriso, mas os sapatos dela já a denunciavam.

O Pedro recebeu uma mensagem.

— Tenho um jantar que começou há quarenta minutos.

— Isso ainda é entrada — disse eu.

— É com arquitectos. Se chegar mais tarde, talvez já tenham decidido que a cadeira desconfortável é um conceito meu.

Despediu-se da Mía com dois beijos. Disse-lhe qualquer coisa ao ouvido que a fez rir. A mim deu-me um abraço curto.

— Não sejas parvo.

— Podes concretizar?

— Podia. Mas não vou, meu caralho.

O português ordinário vivia dentro dele.

Entrou no elevador com a mulher de vestido verde e um homem japonês que levava um catálogo debaixo do braço.

Fiquei sem o meu álibi.

A Mía viu-o a sair e olhou para mim.

— O teu amigo abandonou-te.

— Ele chama-lhe confiar.

— E tu?

— Abandono.

Ela pousou o copo numa bandeja que passava. Segurava a pasta preta contra o corpo.

— Vamos.

— Para onde?

— Para fora.

Despedimo-nos do Antoine. Ele agradeceu-lhe por qualquer coisa que não nomeou. Ela respondeu que faltavam as provas. O Henri veio antes de sairmos.

— Obrigado por teres vindo.

A Mía apertou-lhe a mão.

— Corrijam o ficheiro antes de imprimir.

— Corrigimos.

— Não deixes o Étienne confirmar sozinho.

O Henri sorriu.

— Está bem.

Disse-o como quem assina coisas mais caras todos os dias e, mesmo assim, cede.

O Laurent tentou ainda uma pergunta sobre a semana seguinte.

— Escreve à Camille — disse a Mia. — Ela sabe onde estou quando quer encontrar-me.

— E quando não quer?

— Aí ninguém sabe.

Ele aceitou. Não insistiu.

A Camille acompanhou-nos até ao elevador. Abraçou a Mia. A pasta ficou apertada entre as duas.

— Não desapareças.

— Responde às mensagens.

— Eu respondo.

— Respondes tarde.

— Tu também.

A Camille olhou para mim antes de nos deixar entrar.

— Não escrevas esta noite depressa demais.

Antes, ouvira-me dizer que escrevia umas coisas em aviões e que talvez editasse um livro sobre as mulheres que amamos. Não soube responder.

A Mia entrou no elevador.

— Ele ainda nem sabe se sabe escrever.

— Melhor — disse a Camille. — Os que sabem estragam tudo.

A porta fechou-se.

Descemos sozinhos.

No espelho estreito, eu parecia composto, excepto pelo lábio e pela camisa. A Mia passou um dedo por baixo de um olho, verificando a maquiagem. A pasta preta estava encostada ao peito. Não perguntei por Nabeul, pela casa do desenho, pelo Laurent, pelo Henri ou pelo Antoine. Qualquer pergunta minha já vinha com atraso.

— Estás calado — disse ela.

— Estou a tentar não estragar.

— Continua.

O elevador parou. A recepcionista do rés-do-chão desejou-nos boa noite. Reparou em nada ou em tudo. A porta da rua abriu-se. O ar veio frio. Uma mota arrancou na esquina. Um casal esperava por um carro com motorista.

A Mia tirou o telemóvel da mala, escreveu uma mensagem e guardou-o. Um carro aproximou-se devagar e parou junto ao passeio. O motorista olhou pelo retrovisor e destrancou as portas.

— Vens? — perguntou ela.

Atrás de nós, a porta da sociedade de advogados fechou-se sobre as obras, os dossiers, os copos vazios e as correcções por fazer.

— Para beber uma última coisa — disse ela. — Em minha casa.

OCTÁVIO VIANA

— Em tua casa?

— Sim.

— Agora?

— Agora.

O motorista esperou.

Eu conhecia-a há poucas horas. Sabia o nome, a origem argelina dita no Flore, a mão na minha nuca e a forma como três homens mais velhos baixavam a voz quando ela abria um catálogo. Sabia pouco e esse pouco já ocupava demasiado espaço.

Entrei.

A Mia sentou-se primeiro e pousou a pasta preta entre nós. Não era grande. Mesmo assim, a minha perna ficou do outro lado.

3

O raio de luz

Paris — apartamento dela, rue du Théâtre

A fotografia ficou tremida.

Disse muitas vezes que a culpa fora da luz, das portadas mal fechadas, da manhã a entrar em lâminas estreitas, da cama desfeita e da minha camisa meio aberta. Mentia convincentemente. A culpa foi da minha mão.

Na imagem, a Mia está sentada de joelhos na cama, com um *robe* de seda vermelho-escuro, bordado com ramos claros. A chávena fica cortada no limite inferior do ecrã. O sol apanha-lhe um ombro, passa pelo pescoço e falha-lhe metade da cara. O cabelo cai para um lado, quase solto e fica-lhe uma madeixa junto à boca. Ela olhou-me. Ajudou a fotografia.

Eu estava vestido pela metade, de telemóvel levantado e já mais perto da porta do que da cama.

Tinha-a conhecido no Flore, seguido até Iéna, beijado numa antecâmara de escritório, entrado no carro dela e subido as escadas do prédio com os sapatos dela na mão. Mesmo assim, quando a enquadrei, ainda fiz a indecência de fingir que estava apenas a registar uma manhã.

Antes da fotografia houve o 123 da rue du Théâtre.

O carro parou diante de um gradeamento preto, recuado em relação à rua. Atrás dele, a porta branca e envidraçada do prédio abria-se para um recuo curto, entre arbustos aparados e paredes claras. O motorista não perguntou nada. A Mia ficou imóvel uns segundos, com a pasta no colo, como se ainda pudesse ficar do lado de fora. A rua estava quase vazia. Uma bicicleta torta presa a um poste, uma janela com televisão acesa, o passeio húmido.

— Chegámos — disse ela.

Saiu antes do motorista abrir a porta. Fui atrás. Não sabia se devia despedir-me, agradecer ou esperar por uma ordem menor. A noite avançara sem me pedir autorização e eu começava a levar a mal a minha própria disponibilidade.

— Moras aqui?

— Às vezes.

O motorista entregou-lhe uma chave. Ela agradeceu em francês, depois disse-lhe qualquer coisa em árabe. Ele sorriu. Na exposição, tinham-na

tratado como alguém que corrigia provas, conhecia artistas, advogados e homens mais velhos com nomes certos. Ali havia chave, código, motorista, língua e porta. Eu não estava em nenhuma dessas coisas.

Ela marcou os números. A fechadura abriu.

Na entrada, a luz demorou a acender. Havia caixas de correio de metal, envelopes deixados numa mesa estreita e flores secas num jarro. A Mia carregou no botão do elevador.

Nada.

Carregou outra vez.

Nada.

Um papel colado à porta dizia que o elevador ficava avariado até de manhã. Assinava o *syndic*, com autoridade a mais para uma má notícia tão pequena.

A Mia olhou para os sapatos.

— Que merda.

— Que andar?

— Quarto.

Descalçou-se antes do primeiro lance. Encostou-se à parede, tirou um sapato de cada vez e entregou-mos.

— Leva-os.

Obedeci.

A escada era estreita, com lanços curtos e corrimão preto. Os sapatos, leves na mão dela, pesavam agora o suficiente para eu medir cada degrau. A Mia subia à frente, descalça e sem pressa. Ao segundo andar, parou para prender o cabelo. A camisa levantou-se ligeiramente. Vi a cintura, a fadiga e a continuação do beijo de Iéna.

Ela não precisou de se virar.

— Não olhes assim.

Baixei os olhos.

— Estou a tentar não os deixar cair.

No terceiro andar, uma porta abriu-se dois dedos. Uma mulher idosa apareceu com um *poodle* branco ao colo. A Mia cumprimentou-a pelo nome, perguntou pelo filho, ouviu uma resposta sobre uma operação ao joelho e prometeu passar no dia seguinte para ver papéis da administração do prédio. Eu fiquei atrás, com os sapatos na mão. A vizinha olhou para mim uma só vez. Chegou.

— *Bonne nuit, Madame Lefèvre* — disse a Mia.

— *Bonne nuit, ma chère.*

No quarto andar, a Mia abriu uma porta cinzenta, entrou e deixou-me no patamar. Pousou a mala numa consola, acendeu um candeeiro.

— Entras ou ficas aí?

Entrei.

A casa era menor do que eu esperava e menos neutra do que eu precisava. Janelas altas, chão antigo e portas que fechavam bem. Na consola havia uma taça azul e branca, chaves, recibos dobrados, um batom sem tampa, duas amostras de papel presas por um clip e um bilhete antigo entre Paris e Nice. Devolvi-lhe os sapatos. Ela alinhou-os junto à parede, ponta contra ponta.

Na sala, os livros subiam quase até ao tecto. Francês, árabe, inglês e talvez outras línguas. Fotografias de família numa prateleira: um homem junto a um carro antigo, duas raparigas num jardim, uma mulher direita, a sorrir, a Mia mais nova entre uma irmã e um rapaz adolescente. Ninguém parecia interessado em ficar bonito, mas estavam.

Junto à janela, uma mesa comprida ocupava o melhor lugar. Régua metálica, lâmina, cola aberta, provas de cor, fotografias repetidas com diferenças mínimas, papel grosso, uma embalagem desdobrada e uma colagem por acabar protegida por acetato. Via-se metade de uma cara, uma porta azul e a sombra de uma cadeira.

Não toquei em nada.

— Estás a inspeccionar? — perguntou ela, da cozinha.

— Estou a tentar perceber onde estou.

— Estás em minha casa.

Na cozinha, enchia uma chaleira pequena. Tinha os pés nus, as mangas dobradas e uma mancha azul junto à unha do polegar. Havia hortelã num copo, limões numa taça e uma bancada marcada.

— Queres chá?

— Quero.

Lavou a hortelã, sacudiu-a e pô-la no bule.

— A minha mãe fazia chá de menta a qualquer hora. Visitas, discussões, más notícias. A mesma chaleira.

— Resultava?

— Não. Mas ocupava as mãos.

Levou o tabuleiro para a sala. Duas chávenas pequenas, de vidro fino com rebordo dourado. Açúcar num pote. Uma colher que não combinava. Sentou-se no tapete, junto à mesa baixa. Eu sentei-me no sofá.

Ela olhou para mim.

— No chão.

Sentei-me à frente dela.

O chá vinha quente demais. Ela bebeu sem se queimar. Eu falhei.

— Tens pressa.

— Não.

— Ainda bem. É que não precisas.

A música começou algures na casa, piano baixo e uma voz feminina em francês. Ela baixou o volume até a música ficar atrás das chávenas.

Eu trazia ainda a porta fechada da antecâmara, os passos no corredor, o lábio marcado e querer perceber onde iria terminar uma coisa que mal começara. A Mia fez chá. Deu-me uma chávena. Sentou-se no chão. Tirou-me o resto das mãos. Até ali, naquela casa, tinha sido isso.

Reparei numa moldura sobre a estante. A Mia, mais nova, de vestido escuro, ao lado de uma mulher que devia ser a mãe. Um homem de fato claro segurava uma criança pela mão. Alguém ficara cortado à esquerda.

— Posso ver?

Ela levantou-se, entregou-me e voltou ao tapete.

— Sidi Bou Said — disse eu.

— A minha mãe. O meu pai. O meu irmão Sab. Falta a minha irmã Moni. Eu tinha vinte e poucos anos.

— Pareces zangada.

— Estava calor.

— Só isso?

— Nessa idade, garantidamente que só.

Devolvi-lhe a moldura. Ela pô-la no lugar, torta. Estive para a endireitar. Não o fiz. Havia gestos menores que um beijo e mais invasivos do que uma mão na cintura.

O telemóvel dela acendeu-se na mesa de trabalho. A Mia levantou-se, abriu uma prova de página, aumentou uma imagem com dois dedos, escreveu uma frase curta em francês e mexeu numa tira de papel da colagem, menos de um centímetro. Só depois voltou.

— Trabalho?

— Uma página mal feita.

— Tua?

— Agora é.

Bebemos mais chá. Eu estava perto dela, sem lhe tocar. Havia uma mãe, livros em árabe, uma vizinha que a chamava *Madame* Lefèvre, um motorista que lhe entregava chaves e fotografias onde eu não entrava.

Fiz uma pergunta arriscada.

— A religião é importante para ti?

Ela olhou para mim, não ferida, apenas cansada.

— É a primeira vez que alguém me pergunta isso num primeiro encontro. Aliás, acho que nunca ninguém me perguntou isso no segundo encontro, no terceiro... nunca.

— Senão quiseres responder, não respondas. Obviamente.

— A minha família é muçulmana. Cresci com gestos, festas, comida, frases e proibições. Umás ficavam. Outras fingi que aceitava, mas não. Não é uma etiqueta.

— Não queria pôr-te nenhuma.

— Mas puseste.

— Desculpa.

Ela bebeu mais chá.

— Pergunta melhor noutra altura.

— Vai haver outra altura?

— Estás em minha casa.

Levantou-se e levou as chávenas para a cozinha. A água correu no lava-loiça. Fiquei sozinho no tapete, a olhar para a mancha vermelha de uma tela, para uma fotografia dela num barco, óculos de sol, cabelo preso e uma mão levantada contra o vento. Quis ir embora. Não por vontade. Por falta de jeito para ficar.

Quando voltou, a camisa já não estava metida na saia. Trazia os primeiros botões abertos, o cabelo menos preso. Parou à entrada da sala, ombro contra a parede.

— Vem.

Levantei-me.

Fui até ela sem repetir a violência pequena da antecâmara. Parei perto. Trazia ainda a hortelã do chá e o papel da mesa de trabalho nas mãos. Ela olhou para a minha boca, depois para as minhas mãos.

— Não sejas cuidadoso demais.

— Estou a tentar não ser bruto.

— Então escuta.

Pôs a mão no meu peito, por cima da camisa, e puxou-me pela lapela. Beijou-me primeiro. Apagou o candeeiro grande e deixou aceso o de pé, junto à janela. A rua fez uma claridade torta no tecto.

Atirei o *blazer* para numa cadeira. A cadeira bateu na parede, dois livros tombaram e um cinzeiro caiu no chão.

Ela riu-se contra o meu pescoço.

— A vizinha? — perguntei.

— Já ouviu coisas piores.

No corredor, passámos por uma porta entreaberta para a casa de banho, uma pilha de lençóis numa cadeira e um espelho que nos apanhou de lado. Dois adultos despenteados, a tentar chegar ao quarto com alguma dignidade. Não havia muita.

O quarto tinha uma cama baixa, livros na mesa-de-cabeceira, uma mala aberta no chão, roupa dobrada pela metade e uma fotografia sem moldura encostada à parede. Na cómoda, perfume, brincos num prato e um copo de água. Nada fora preparado para mim.

A Mia sentou-se na beira da cama e puxou-me pela mão.

Durante algum tempo, não falámos.

Lembro-me da camisa dela nas costas de uma cadeira. Da minha no chão, porque novamente falhei a cadeira. De um botão que resistiu e cedeu mal. Da fivela. Da mão dela a corrigir a minha, a afastá-la e a trazê-la de volta. Não havia timidez. Também não havia número. Havia vontade sem drama.

Ela fez-me parar.

Ficou sentada na cama, camisa aberta, a respirar pela boca e a olhar para mim. Baixei os olhos primeiro. Não por pudor. Por estar ali e, já nesse instante, começar a arrumá-la numa imagem.

Ela percebeu.

— Não penses agora.

— Não estou.

— Estás sempre.

Puxou-me antes de eu responder.

A música da sala talvez já tivesse acabado. A cama rangeu mal e rimos. Ela levou a minha mão ao sítio certo e manteve-a ali. Depois afastou o rosto, respirou fundo e voltou. Da rua chegou uma mota, passos e o ferro do portão lá em baixo. Na mesa-de-cabeceira, o telemóvel dela vibrou uma vez. Ela não olhou. Eu também não.

Adormeceu com uma perna sobre a minha. Fiquei acordado. As canalizações batiam de vez em quando, a madeira estalava, o aquecimento batia no ritmo hipnotizante. Conte os objectos na penumbra: o livro virado para baixo, os brincos no prato, a camisa na cadeira, a mala aberta, a caixa pequena junto ao perfume e a minha meia perto da porta.

Acordei antes das sete.

A luz entrava pelas frestas das portadas, ainda baixa. Por um segundo, pensei que ela tivesse saído do quarto. Senti alívio. Depois o alívio sujouse.

Vi-a logo.

Estava sentada de joelhos na cama, de costas para a janela, com o *robe* vermelho-escuro. Segurava uma chávena de café com as duas mãos. O meu relógio estava ao lado dela, em cima do lençol. Não me lembrava de o ter tirado.

— Acordaste — disse.

A voz vinha rouca.

— Sim.

— Vais embora.

Não era pergunta.

Sentei-me na beira da cama. O chão estava frio.

— Tenho o hotel.

— Claro.

Procurei a roupa. Primeiro uma meia, depois a camisa e depois as calças. A Mia observava-me sem crueldade. O *robe* estava apertado na cintura. A chávena deixava-lhe os dedos ocupados.

— Não sou bom de manhã — disse.

— Isso explica tudo.

— Explica o quê?

Pousou a chávena na mesa-de-cabeceira e puxou o *robe* sobre o joelho.

— Medo.

— De ficar.

— E de sair?

— Também.

Olhou para mim. Depois olhou para a camisa nas minhas mãos.

— Então vai.

Levantei-me.

— Mia.

— Vai. Esquece o verniz. Sou adulta, mais velha que tu, não preciso.

Vesti-me devagar. Faltava um botão à camisa. Talvez já faltasse antes. Talvez estivesse algures no quarto, entre a cama e a cadeira. Deixei-o ficar perdido.

O telemóvel estava no chão, meio debaixo das calças. Peguei nele para ver as horas.

7h12.

A luz deslocara-se. O raio atravessava agora o *robe* na diagonal, do ombro à mão pousada sobre a coxa. A Mia olhava para mim, não para o telefone.

Levantei-o devagar.

— Posso?

Ela baixou os olhos para a chávena, depois voltou a olhar para mim. Não ajeitou o cabelo. Não corrigiu o *robe*.

— Uma.

Tirei a fotografia sem som. Tinha o telefone assim por hábito.

No ecrã, a imagem apareceu tremida. O *robe* saiu mais claro do que era. A chávena ficou quase fora. A cara dela, cortada pelo sol, parecia menos dela.

— Mostra.

Sentei-me ao lado dela e entreguei-lhe o telefone. Os nossos ombros tocaram-se. Ela olhou para a imagem durante mais tempo do que eu queria.

— Está torta.

— Eu sei.

— Não a envies a ninguém.

— Não envio.

— A ninguém.

— A ninguém. Tranquila.

Devolveu-me o telefone. Depois pegou no relógio, que continuava sobre a cama e apertou-mo no pulso. Fez isso sem ternura visível. Mas o gesto continuou a ser bonito.

— Hoje à noite estás livre?

— Estou.

— Bom.

Levantou-se e foi até à janela. Abriu um pouco mais a portada. Na rua, alguém puxava um caixote do lixo. Um homem falava ao telefone com mau humor de trabalho. A Mia ficou de costas para mim, o *robe* preso na cintura e a nuca descoberta.

— Há um sítio — disse. — Uma festa. Especial. Um clube.

— A que horas?

— Às dez mando o carro.

— Para o hotel?

— Sim.

— *Dress code?*

— Fato escuro. Camisa impecável. Sapatos bons. Nada de marcas à vista, nada que pareça comprado para impressionar. E nada de despejar um frasco de perfume pela cabeça abaixo.

— Percebido.

Na entrada, calcei-me enquanto ela ficava encostada ao aro da porta do quarto. A casa tinha voltado ao uso: a taça azul com chaves, os livros de frente, a lâmina sobre a régua, a cola aberta a secar e a colagem um centímetro diferente. Peguei no casaco.

Ela viu a camisa aberta no lugar do botão.

— Devias coser isso.

— Não tenho linha.

MIA

— Compra.

Aproximou-se e beijou-me. Um beijo curto, na boca. Havia café frio na mesa, hortelã esquecida no copo e o perfume dela na almofada.

— Não apagues — disse.

— A fotografia?

— Também.

Abri a porta.

No patamar, a escada continuava estreita, o elevador continuava avariado e a luz voltou a acender-se tarde. Desci sem os sapatos dela para justificar o cuidado. No terceiro andar, a porta da vizinha estava fechada. Na rua, um empregado de limpeza lavava o passeio. Caminhei até ao Boulevard Saint-Germain, quarenta e um minutos, antes de olhar para o telefone. A fotografia estava lá: a Mia de joelhos na cama, o *robe* vermelho, o raio de sol e a chávena cortada. Bloqueei o ecrã. Na esquina, o telemóvel bateu-me contra a coxa. Mudei-o de bolso. Continuou a bater.

4

A porta preta

Paris — clube privado perto da Avenue Foch.

O motorista parou junto a uma porta preta e desligou o motor sem olhar para o retrovisor.

A rua estava limpa demais para aquela hora. Não havia fila, música nas paredes, néon, porteira e nem dois homens de braços cruzados à porta. Havia uma fachada burguesa, uma árvore sem folhas, duas janelas fechadas no primeiro andar e aquela porta lisa, preta, sem placa, sem letreiro e sem campainha visível. A Avenue Foch ficava perto, mas dali não se via. Só se sentia a largura excessiva da zona.

A Mia não saiu logo do carro. Pegou no telemóvel, escreveu uma mensagem curta e voltou a pousá-lo no colo. Trazia um vestido preto, casaco claro sobre os ombros, cabelo preso atrás e brincos pequenos. Não parecia vir descobrir nada. Parecia voltar a uma sala que conhecia.

— Ainda podes mudar de ideias — disse ela.

— Sobre a porta?

— Sobre mim.

Olhei para a fachada. Um casal passou no passeio do outro lado, o homem com cachecol azul, a mulher com um cão demasiado pequeno para a hora. Nenhum dos dois olhou para nós. Do outro lado, os estores continuavam descidos.

— Claro que tinhas de escolher uma entrada sem campainha — disse eu.

— Se querias campainha, não devias vir.

O telemóvel dela vibrou. A Mia leu a resposta, guardou-o na mala e abriu a porta do carro. O motorista saiu ao mesmo tempo, mas ela fez-lhe um gesto pequeno para ficar. Atravessámos o passeio. Ela parou diante da porta preta, sem bater.

A fechadura fez um ruído seco por dentro. A porta abriu-se uns vinte centímetros. O homem que apareceu usava fato escuro, camisa branca e a cara de quem trabalharia melhor numa embaixada clandestina do que numa discoteca.

— *Bonsoir, Madame* — disse ele.

A Mia respondeu em francês baixo. Apanhei o meu nome no meio de duas frases e a palavra *liste*. O homem inclinou a cabeça, abriu mais a porta e afastou-se sem nos medir dos sapatos ao cabelo.

— Não façás essa cara — disse a Mia, já no pequeno vestibulo.

— Que cara?

— A de português convidado para uma coisa indecente, mas a avaliar a iluminação.

— Isso é muito específico.

— Em ti aparece depressa.

O vestibulo tinha paredes pretas de cima abaixo, uma consola estreita, flores brancas sem cheiro numa jarra dourada e uma câmara apontada para a porta, não para nós. À esquerda, uma mulher de cabelo curto esperava atrás de um balcão baixo. A recepção era mínima e fria. O primeiro sinal verdadeiro do lugar foi uma parede com pequenas caixas metálicas, numeradas, cada uma com uma ranhura e um teclado.

A mulher empurrou duas caixas abertas na nossa direcção.

— *Les téléphones, montres connectées, stylos, clés avec caméra. Tout ce qui enregistre.*

A Mia tirou o telemóvel da mala sem hesitar. Depois retirou um pequeno estojo de batom, abriu-o diante da funcionária, mostrou que era apenas batom, fechou-o e guardou-o outra vez. Fez tudo como se já o tivesse feito muitas vezes.

Eu fiquei com o meu telemóvel na mão um segundo a mais. Dentro dele estava a fotografia dela no *robe* de seda, sentada de joelhos na cama e atravessada pelo sol da manhã. Tinha saído da casa dela cedo demais com aquela imagem no bolso e agora pediam-me que a fechasse numa caixa metálica numa rua perto da Avenue Foch.

A Mia viu-me hesitar.

— Esse telemóvel tem assim tantos segredos?

— Tem uma fotografia linda de uma mulher de *robe* vermelho.

— Então fica tranquilo. Aí fica seguro.

Pus o telemóvel na caixa. A funcionária pediu-me que escolhesse quatro números. Escolhi os primeiros quatro que me vieram à cabeça e arrependi-me logo. A Mia não olhou. Marcou o código dela com a mão a proteger o teclado, fechou a caixa e esperou que eu fizesse o mesmo.

Ao lado havia um cartão, em francês e inglês: maiores de idade, consentimento expresso, nada de gravações, nada de insistências, saída livre, portas nunca trancadas por fora, *staff* identificado em todas as salas.

A funcionária explicou sem sorrir. Apontou para o cartão antes de nos indicar a escada.

— Se quiseres sair, diz — disse a Mia.

— Digo-te a ti?

— A mim, a ela, a qualquer pessoa. Isto não é uma prisão.

— E se tu quiseres sair?

— Saio.

Disse-o sem acrescentar nada. Puxou o casaco para o ombro e esperou junto à escada.

Descemos uma escada estreita, em curva, com corrimão de ferro e degraus gastos no centro. A música subia de baixo sem se definir. Não era batida de clube; era uma linha grave, lenta e interrompida por vozes. O ar mudou antes do fim da escada: perfumes misturados, humidade da pedra e uma claridade âmbar baixa nas paredes.

A cave abriu-se diante de nós com muito dinheiro gasto a fingir decadência. Pedra escura, dourados em excesso, espelhos altos, cortinas de veludo vinho, sofás baixos, mesas de metal polido e garrafas raras alinhadas atrás de um bar iluminado por baixo. No centro, contra todo o bom senso, uma fonte interior deixava cair água por uma pequena parede de mármore negro.

Era absurda. Eu quase me ri.

A Mia percebeu antes de eu mexer a boca.

— É horrível, não é?

— É caríssimo.

— Isso não responde.

— É luxo. Mas continua a ser mau gosto. Muito mau gosto.

Ela riu-se baixo. O empregado do bar olhou para ela, uma mulher de vestido verde afastou-se ligeiramente para a deixar passar e dois homens suspenderam uma conversa. A Mia não lhes deu nada em troca. Não vinha como dona; também não vinha como presa ou convidada deslumbrada.

Sentámo-nos numa mesa lateral, com a parede atrás de mim e a sala diante dela. Ela escolheu assim. Pediu água com gás para os dois e uma taça de *champagne* para si. Eu levantei uma sobrancelha.

— Não bebas se precisas de coragem — disse ela.

— Estava a pensar beber para ter desculpa.

— Também é fraquinho.

A sala principal era mais baixa de som do que eu esperava. Havia casais sentados demasiado perto, grupos de três ou quatro em conversa curta, uma mulher mais velha a fumar junto a um extractador disfarçado por uma coluna dourada, duas mulheres de mãos dadas junto ao bar, uma rapariga de cabelo rapado a rir-se com um senhor de gravata impecável. Ninguém parecia perdido.